

Currículo escolar e lenguaje cinematográfico: um estudo em uma escola de Belém (PA)

School curriculum and cinematographic language: a study in a school in Belém (PA)

DOI:10.34117/bjdv8n12-155

Recebimento dos originais: 10/11/2022

Aceitação para publicação: 14/12/2022

André Felipe da Costa Cunha

Especialista em Gestão Educacional e Docência no Ensino Superior
Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA)
Endereço: Av. Alm. Barroso, 1155, Marco, Belém - PA, CEP: 66093-020
E-mail: andre.cunha@ifpa.edu.br

Ana Darc Martins Azevedo

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica (PUC – SP)
Instituição: Universidade do Estado do Pará (UEPA)
Endereço: Tv. Djalma Dutra, s/n, Telégrafo, Belém - PA, CEP: 66050-540
E-mail: azevedoanadarc@gmail.com

Igor Luiz Machado da Silva

Pós-graduado em Docência no Ensino Superior pelo Centro Universitário
Leonardo da Vinci - Uniasselvi
Instituição: Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – Unifesspa
Endereço: Folha 31, Quadra 07, Lote Especial, s/n, Nova Marabá, Marabá - PA,
CEP: 68507-590
E-mail: igorluiz@outlook.com

Douglas Junior Fernandes Assumpção

Doutor em Comunicação, Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP)
Instituição: Universidade da Amazônia (UNAMA)
Endereço: Av. Alcindo Cacela, 287, Umarizal, Belém - PA, CEP: 66060-902
E-mail: rp.douglas@hotmail.com

RESUMO

O trabalho relata uma experiência de inserção dos conceitos da linguagem cinematográfica no currículo escolar de uma escola pública de ensino fundamental de Belém (PA) com alunos do 5º ano, identificando as contribuições que este conteúdo traz para o aprendizado desse aluno e a importância de inseri-lo no contexto curricular escolar, considerando o potencial do cinema em ser utilizado como recurso didático. A pesquisa teve como método a pesquisa ação, por meio de uma oficina realizada em sala de aula abordando questões conceituais da linguagem cinematográfica, onde se observou a possível relação positiva. Tendo como pressuposto que o cinema ocupa um importante lugar na sociedade, sendo um campo de manifestações culturais, sociais e históricas, carregando um potencial significativo a ser utilizado em sala de aula. Por isso, conhecer a linguagem que o cinema utiliza possui uma relevância importantíssima para o alcance de sua utilização mais profunda.

Palavras-chave: currículo escolar, linguagem cinematográfica, cinema.

ABSTRACT

The work reports an experience of inserting the concepts of cinematographic language in the school curriculum of a public elementary school of Belém (PA) with 5th grade students, identifying the contributions that this content brings to the learning of this student and the importance of inserting it in the school curriculum context, considering the potential of cinema to be used as a didactic resource. The research had as method the action research, through a workshop realized in the classroom approaching conceptual issues of cinematographic language, where it was observed the possible positive relationship. Having as assumption that the cinema occupies an important place in society, being a field of cultural, social and historical manifestations, carrying a significant potential to be used in the classroom. Therefore, knowing the language that the cinema uses has a very important relevance for the achievement of its deepest use.

Keywords: school curriculum, cinematographic language, cinema.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo traz um recorte de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, cujo objeto de estudo considerou, *currículo escolar e linguagem cinematográfica*, tendo em vista que, a linguagem audiovisual está presente no nosso cotidiano, pois estamos envolvidos de meios que utilizam-se desta forma de comunicação para transmitir seus conteúdos e informações, alcançando pessoas de todas as idades e maneiras diferentes, como afirma Alves (2008, p.19) “vivemos numa época em que o audiovisual é o modo de expressão predominante. Na mídia, na arte, na ciência, na tecnologia, na forma como nos comunicamos, o audiovisual está presente em tudo”

Evidencia-se que, os filmes são presentes no cotidiano escolar, porém, Duarte (2009, p. 71) problematiza o trabalho com o audiovisual no qual “a escolha dos filmes que são exibidos no contexto escolar dificilmente é orientada pelo que se sabe do cinema, mas, sim, pelo conteúdo programático que se deseja desenvolver a partir ou por meio deles”.

Desta forma, emerge a necessidade de a escola buscar aprofundar-se nos diversos aspectos que os filmes são capazes de abordar, principalmente apropriando-se da essência do cinema e dos elementos que compõem a sua linguagem, tendo em vista que esta está presente não apenas no cotidiano escolar, mas também na vida dos alunos. Duarte (2009, p. 34), ressalta que é importante “nos interessarmos pela teoria do cinema do mesmo modo como nos interessamos pela teoria da literatura”, pois esse conhecimento prepara o professor para a utilização desta ferramenta em sala de aula.

O cinema articula elementos que proporcionam significados profundos, caracterizados pela combinação de técnicas utilizadas na produção de um filme, por isso, é preciso compreender essa configuração, pois “o significado de um filme é o todo” (ALMEIDA, 1994 *apud* DUARTE, 2009). Portanto, investigar sobre a prática de utilização do cinema na sala de aula através da abordagem sobre a sua linguagem é de suma importância para a formação de indivíduos.

Com isso, tendo em vista a importância dos estudos da relação entre o cinema e o currículo para a formação do profissional atuante na área e para a ampliação dos seus conhecimentos sobre as manifestações culturais que posteriormente foram presenciadas e devidamente abordadas, consideramos a seguinte problemática: *Quais os efeitos da inserção da linguagem cinematográfica no currículo escolar que utiliza o cinema em uma série de Ensino Fundamental nas séries iniciais em Belém (PA)?*

Como objetivo geral: Investigar os efeitos da inserção da linguagem cinematográfica no currículo escolar que utiliza o cinema em uma série de Ensino Fundamental nas séries iniciais em Belém (PA). E como objetivos específicos: Identificar as contribuições que o conhecimento da linguagem cinematográfica possibilita na leitura audiovisual dos alunos; analisar a importância de a inserção da linguagem cinematográfica no currículo para a escola utilizar a ferramenta cinema em sala de aula.

2 METODOLOGIA

A pesquisa realizada é de Campo, do tipo Pesquisa Ação e de abordagem qualitativa que, por sua vez, trata-se de um tipo de pesquisa que visa refletir sobre a sua própria prática. Segundo Tripp (2005, p. 446), “Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação”. A coleta de dados foi realizada em uma escola estadual da cidade de Belém-PA, com alunos do 6º e 7º anos do ensino fundamental II.

Os passos adotados na pesquisa levaram em consideração os seguintes aspectos: **Primeiro momento:** com a seleção prévia dos alunos participantes, os pesquisadores exibiram o vídeo “Além da Mente”. Após a exibição do curta, os alunos foram submetidos a um questionário que buscou coletar informações obtidas por eles, a partir de suas capturas pessoais ao assistir ao vídeo; **Segundo momento:** os mesmos alunos participaram de uma oficina sobre a linguagem cinematográfica ministrada pelos próprios pesquisadores com base em estudos de autores, cuja oficina foi de cunho técnico, afim de

abordar peculiaridades que a linguagem do cinema proporciona e como ela favorece a criação de novas e exclusivas ferramentas de comunicação com o espectador; **Terceiro momento:** oferecido aos alunos um pequeno lanche com dois principais objetivos: relaxamento/descontração, e a partir disso promover uma roda de conversa informal, deixando-os à vontade para falar sobre o que já apropriaram sobre o tema e, ocasionalmente, favorecer a troca de olhares/experiências entre os participantes, abrangendo suas visões e entendimentos sobre o tema, relacionando com os seguintes elementos: Trilha sonora, Tipos de Plano de filmagem (Plano sequência, Plano Geral, Plano Detalhe), divisão de funções no processo de produção audiovisual (roteiristas, diretores, produtores).

A partir dos dados coletados, foi observado os principais elementos presentes no processo da oficina e realizada análise sob a ótica dos autores: Duarte (2009), Oliveira e Sússekind (2012), Bernadet (2012), Costa (2003), dentre outros.

3 CURRÍCULO E LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA: UMA INTERLOCUÇÃO POSSÍVEL

Tradicionalmente, o currículo escolar é entendido por professores e pelo senso comum por uma visão pragmática, definindo o currículo por uma visão que “percebe como o conjunto de conteúdos programáticos estabelecidos para as disciplinas e séries escolares” (OLIVEIRA; SÜSSEKIND, 2012, p.107). Essa visão é refletida em uma prática na qual muitos professores atuam dentro da sala de aula com vista a cumprir determinado programa curricular, enxergando a atividade docente de forma mecânica, fechada e impossibilitada de sair desses moldes.

Para Duarte (2009, p. 71) “a escolha dos filmes que são exibidos no contexto escolar dificilmente é orientada pelo que se sabe do cinema, mas, sim, pelo conteúdo programático que se deseja desenvolver a partir ou por meio deles”. Os autores mostram que a visão tradicional sobre o currículo se estende as atividades realizadas nas salas de aula, inclusive no uso dos filmes, que são incluídos nas atividades escolares como forma de complemento para determinado conteúdo já ministrado, limitando o potencial pedagógico que o filme possui.

É primordial entender que o currículo possui um dinamismo e uma complexidade que depende do contexto em que é vivido. Neste sentido, afirma Oliveira e Sússekind (2012, p. 108) que “o currículo tem que ser entendido como a cultura real que surge de

uma série de processos, mais que como um objeto delimitado e estático que se pode planejar e depois implantar”.

Elaborar estratégias para a formação de um currículo aplicado em sala de aula necessita de uma preparação prévia por parte do professor, de maneira que reflita sobre as suas decisões e estratégias que resultarão na aplicação de um projeto curricular. Este é um ponto de partida para a elaboração de um projeto curricular que

constitui um tipo de atividade que consiste não somente em tomar decisões que têm a ver com o que queremos alcançar e o que faremos para tanto, mas supõe também refletir sobre porque tomaremos determinadas decisões e realizaremos uma ou outra prática (LINUESCA, 2013, p.227).

Com a presença da mídia na escola, é imprescindível que o professor detenha a habilidade de observar a influência que esses meios exercem no cotidiano dos alunos e possa explorar esse potencial para que favoreça ao seu desenvolvimento didático e, conseqüentemente, na aprendizagem dos alunos e no domínio que estes possam ter sobre essas tecnologias. Sobre essa preocupação, afirma Fleuri (2003):

Nessa óptica, Maria Isabel Orofino propõe que a escola seja um espaço de uso dessas tecnologias de comunicação como uma questão de direito à voz e à visibilidade cultural dos estudantes, pois, cada vez mais, a cultura da escola convive e compete com a cultura da mídia. Neste sentido, torna-se imprescindível analisar a presença das mídias no cotidiano dos estudantes, para compreender a complexidade das relações que se desenvolvem na educação escolar, envolvendo a articulação entre diferentes identidades sociais, bem como as relações interculturais. É preciso, assim, prestar atenção nos modos como as mídias mobilizam as audiências e nos usos que diferentes grupos sociais fazem das tecnologias de informação e comunicação (FLEURI, 2003, p. 13).

O conceito trazido por Duarte (2009) chama atenção para o fato de que os filmes possibilitam e ao mesmo tempo exigem para sua compreensão uma competência para ver, que consiste em uma capacidade de analisar as obras cinematográficas compreendendo profundamente os conteúdos, os significados e as manifestações culturais imersas no filme.

Para Merten (1990), o cinema é um brinquedo onde a criança acha reflexos e expressões de sua própria infância e dos outros. Proporciona a sensação de sonhar acordado, ou seja, de expressão do imaginário e fantástico da criança. Mas o autor também alerta que, assim como toda ferramenta, o cinema tem seu lado perigoso.

Segundo Mascarello (2006), o cinema surge em 1893, com a invenção de um aparelho chamado quinetoscópio patenteado por Thomas A. Edison e ganha a primeira

exibição em 1895 com os irmãos Louis e Auguste Lumière em Paris, no lugar chamado Grand Café, um lugar aonde as pessoas se encontravam e desfrutavam de várias atrações artísticas. Os primeiros filmes exibidos retratavam cenas cotidianas ou mesmo imagens aleatórias retiradas de algum espaço artístico, como a dança de uma bailarina, em suma, segundo Mascarello (2006, p. 20) as primeiras obras “eram em sua ampla maioria compostos por uma única tomada e pouco integrados a uma eventual cadeia narrativa”.

Podemos perceber que já no início do contato entre espectador e cinema já existia uma necessidade de compreender que ali estava surgindo uma nova forma de comunicação, que necessitava de um conhecimento prévio e certas habilidades para entender os filmes. No entanto, o cinema começou a se estabelecer com uma linguagem própria e diferente de tudo o que foi experimentado anteriormente, com o corte em cenas feito pelos diretores, para Carrière (2006, p.14) “Foi aí, na relação invisível entre uma cena com outra, que o cinema gerou realmente uma nova linguagem”, essa linguagem possuindo uma gramática variável e vocabulário próprio que influenciou gerações. Essa linguagem nos permite “mergulhar” no universo da Cultura, podendo o espectador construir novos conhecimentos, desconstruir percepções, refletir a respeito de outras realidades culturais.

De fato, o cinema nos oferece uma janela pela qual podemos nos assomar ao mundo para ver o que está lá fora, distante no espaço ou no tempo, para ver o que não conseguimos ver com nossos próprios olhos de modo direto. Ao mesmo tempo, essa janela vira espelho e nos permite fazer longas viagens para o interior, tão ou mais distante de nosso conhecimento imediato e possível (FRESQUET, 2013, p. 19).

Dáí surge a linguagem própria do cinema que muito diz, mesmo quando em uma cena o personagem nada diz. O conjunto formado pela cenografia, o figurino, o ator, o tipo de lente da câmera, o fundo musical, o ângulo, a luz, etc. formam essa linguagem peculiar do cinema que é capaz de transmitir qualquer sentimento que desejar. Exatamente por essas especificidades, o espectador precisa da “competência para ver” referida por Duarte (2009).

É imprescindível que o cinema seja trabalhado na escola de forma holística, organizada, sistemática e, acima de tudo, consciente sobre a complexidade envolvida em seu processo de produção, que inevitavelmente dialoga com uma realidade para além da história trabalhada na obra, mas também está imerso no universo sociocultural. Desta forma, Napolitano acrescenta

Sugerimos que o uso do cinema na sala de aula seja sistemático e coerente, e isso implica que os filmes sejam articulados entre si, sobretudo quando o espírito da atividade é a análise do filme como linguagem e fonte de aprendizado, mais do que catalisador de discussões. (NAPOLITANO, 2013, p. 79).

O cinema configura-se uma janela de observação. Possibilita a apresentação de novos conceitos, valores e experiências ao espectador através de suas viagens pela tela do projetor – ou da televisão – possibilitada pela lente da câmera do cineasta. A partir dessas experiências, o espectador pode criar novos conhecimentos, substituir um antigo por um novo, e até confrontar dois deles para formar um inédito.

4 CURRÍCULO ESCOLAR E LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA: UM ESTUDO EM UMA ESCOLA EM BELÉM (PA)

Os dados apresentados são recortes da pesquisa sobre a interface do currículo escolar e linguagem cinematográfica em uma escola pública por meio da pesquisa ação.

A Participante 1, ao ler o questionário referente aos vídeos, perguntou o que seria “trilha sonora”; o Participante 2 relacionou o fato de o vídeo “Além da mente” não possuir falas dos personagens com a falta de trilha sonora, e outros alunos deixaram em branco a resposta sobre o assunto. Diante disso, é importante perceber que o Participante 1 sabe o que é, mas desconhece a denominação do termo, assim como o Participante 2 que confunde os diferentes tipos de sonoplastia contidos num filme.

A trilha sonora é um dos aspectos primordiais em uma obra cinematográfica, um importante elemento significador que proporciona a identidade da obra e a sua compreensão, como afirma Bernadet (2012, p. 50) “a música acompanha o filme para, em geral reforçar as emoções: exasperação do perigo, ternura em cenas românticas, música que frequentemente ouvimos sem prestar atenção”.

Em relação aos planos de filmagem utilizados na produção dos vídeos, de uma forma geral, os alunos não souberam identificar o que seria “Plano geral” e “Plano detalhe”, dois aspectos básicos e importantes na composição de cenas. Existia ao mesmo tempo uma familiaridade com alguns conteúdos e uma distância em relação a outros, muitos dos conhecimentos já existentes foram adquiridos através da proximidade deles com filmes no seu ambiente familiar.

Sobre esses aspectos citados acima, Costa (2003, p. 39) mostra que a introdução do cinema na escola tem gerado uma dicotomia entre a linguagem escrita, mais utilizada na escola, e a linguagem audiovisual, introduzida de maneira paliativa, por isso afirma

que “o problema já não é mais, como ingenuamente se acreditou e com resultados decepcionantes, introduzir alguns ‘subsídios audiovisuais’ na escola”. Portanto, isso é um reflexo da forma como a escola vem tratando o cinema, fazendo com que o aluno não compreenda o cinema como um todo, como um campo a ser explorado.

Já no decorrer da oficina, os participantes foram demonstrando que possuíam conhecimentos relevantes sobre o processo de produção dos filmes e que não haviam sido relacionados no momento da análise dos vídeos, pois, quando perguntamos quem eram os responsáveis pelo processo de produção, dois participantes citaram figuras como atores, o roteirista, o diretor, estando conscientes de que as obras cinematográficas são resultado de um trabalho complexo e que as pessoas que “não aparecem” na frente da tela, são essenciais para que o filme esteja pronto.

Durante essa ação, simulamos o processo de filmagem, onde cada participante representaria um dos papéis descritos e deveria se posicionar onde sua respectiva função o demandaria. Com eles em posição, chamamos a atenção de que a maioria deles (diretor, roteirista, compositor musical e diretor de fotografia) estava posicionada atrás da câmera (simulamos uma câmera com um tripé) e apenas o ator estava aparecendo na filmagem.

Estas percepções mostram que os alunos possuem um importante conhecimento adquirido pela sua experiência social, como afirma Duarte (2009, p. 14), mostrando que assistir a filmes está “longe de ser apenas uma escolha de caráter exclusivamente pessoal, constitui uma prática social importante que atua na formação das pessoas e contribui para distingui-las socialmente”.

Nessa mesma ação, abordamos também questões que envolvem os ângulos de filmagem, outro ponto importante para a mensagem da cena, criando uma situação e utilizando uma câmera para filmar como forma de exemplificar com o auxílio deles.

Os próprios participantes demonstraram enxergar o cinema como algo muito distante da escola. Para eles, o fato de sair de sala de aula num dia letivo para participar da pesquisa já era lucro: estavam fora da sala de aula para assistir a filmes, já que inicialmente eles imaginavam que a atividade consistia apenas na exibição. Uma fala em especial, do participante número 2, chamou a atenção. Ao serem perguntados se gostariam que os filmes fossem mais utilizados na escola, ele afirmou que sim, pois seria mais divertido.

As percepções demonstradas pelos alunos no decorrer da oficina sobre a aplicação dos aspectos tratados, assim como a fala do Participante 2 relatada acima, demonstram a grande disponibilidade que as crianças e os jovens tem em explorar o cinema, mas é

preciso perceber que cabe a escola aproveitar essa disponibilidade, essa sensação de “diversão” que o cinema representa para eles e transformar em um fazer pedagógico.

Em relação à importância da inserção da linguagem cinematográfica a pesquisa trouxe à tona direcionamentos elucidadores sobre o tema, mostrando através da fala dos alunos pesquisados, que demonstraram um interesse repentino pela atividade quando perceberam que se tratava de uma exibição de vídeo, que existe uma notória “sede” em vivenciar o cinema que pode ser explorada por parte da escola.

A proximidade com o cinema se estabelece, a partir da prática de assistir a filmes, sendo ela construída socialmente e que por consequência, possibilita o que Duarte (2009), intitula de “competência para ver”, desenvolvida exatamente pela exploração do universo cinematográfico.

A fala dos Participantes referindo-se a distância que o cinema tem em relação à escola e a visão dicotômica que demonstram em relação à aula convencional, classificada por eles como “chata”, e a exibição de um filme como sinônimo de diversão. Havendo este distanciamento entre o currículo escolar e o momento de utilização de um filme na escola, dificulta que o cinema possa ser visto como afirma Costa (2003, p. 39), “um objeto de estudo, de conhecimento e informação válido por si próprio, mas também pelo confronto que permite estabelecer entre disciplinas institucionais [...]”.

Os alunos, cada um em sua esfera demonstraram certa relação com o cinema, fazendo-os ficarem interessados na atividade no primeiro momento. Foi interessante que, o momento que eles mais interagiram foi quando simulamos a construção de uma obra cinematográfica, atribuindo funções específicas a cada um e simbolizando a construção de um filme.

O Participante 1 chegou a dizer que gostaria de trabalhar em uma locadora de filmes quando crescesse. É essencial, na dinâmica de construção de um currículo, conhecer essas realidades, baseando-se na informação de Oliveira e Sússekind (2012, p. 108) que “o currículo tem que ser entendido como a cultura real que surge de uma série de processos, mais que como um objeto delimitado e estático que se pode planejar e depois implantar”.

O currículo, para o uso do cinema incluindo a inserção de sua linguagem, abordado desta maneira descrita acima possibilita que os alunos possam compreender o momento em que vivemos, chamado por Duarte (2009) de “sociedade audiovisual”, sendo essencial para a escola compreender os efeitos dessa mídia nos seus alunos e

prepará-los para analisarem o que essa mídia tem a oferecer, desenvolvendo a chamada “competência para ver” através da familiarização com o seu sistema de significação.

Assim, é perceptível a importância do interesse dos professores pela linguagem do cinema, como afirma Duarte (2009, p. 34), é importante “nos interessarmos pela teoria do cinema do mesmo modo como nos interessamos pela teoria da literatura”, pois esse conhecimento prepara o professor para a utilização desta ferramenta em sala de aula.

É possível enxergar no cinema inúmeras possibilidades dentro de sala de aula. Desde seu uso banal como uma exibição apenas para preencher o tempo dos alunos, passando pela abordagem de um tema específico de alguma disciplina (mesmo que esse tema seja retratado em apenas uma cena do filme), visitando temas transversais como ética, meio ambiente, pluralidade cultural, orientação sexual, trabalho e consumo, saúde, etc., todos são usos válidos e que justificam o uso do cinema pela escola.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Unindo o potencial do cinema com sua atratividade aos olhos da criança, pode-se identificar uma ferramenta pedagógica inestimável para a educação. Sabendo que a criança, ao se dispor em assistir ao filme, esquece-se de seus preconceitos, conflitos, e vê no filme um reflexo de si, uma fonte de saberes para responder seus questionamentos e uma janela para o mundo, conclui-se que o professor, juntamente com a escola, deve propor um diálogo bem mais profundo entre o cinema/arte e seus alunos.

A pesquisa demonstrou que há uma aproximação entre o universo dos filmes com as realidades vivenciadas pelos alunos, inclusive, apontando para um conhecimento prévio sobre a linguagem cinematográfica por parte dos alunos, que pode ser explorado pela escola, de modo a contribuir com elementos que contribuam para uma melhor capacidade interpretativa dos alunos, na sua competência para ver (DUARTE, 2009). Ao mesmo tempo, os dados apontaram que alguns aspectos importantes desta linguagem não foram reconhecidos pelos alunos, tornando-se necessário o ensino sobre estes elementos.

Outro ponto importante é que, assistir a filmes é uma prática sociocultural, uma possibilidade de conhecer formas de viver e entender o mundo diferentes do que o próprio espectador vive, constituindo-se com uma oportunidade de enxergar o mundo e da realização de autoanálises (FRESQUET, 2013).

Neste sentido, existe um potencial enorme a ser explorado por parte do professor em relação ao cinema, pois, exibir filmes na sala de aula não é apresentá-lo para o aluno, mas sim inserir parte do universo vivido por ele na sala de aula. Foi possível perceber

que, aproveitar este potencial não é uma tarefa simplória e rasa, necessita de um preparo em conhecer o lugar que o cinema ocupa na sociedade, as especificidades de sua linguagem e os instrumentos que utiliza para se comunicar, o potencial que possui de ser educativo ou explorado educativamente pela escola.

REFERÊNCIAS

- BERNADET, Jean-Claude. **O que é cinema?** São Paulo: Brasiliense, 2012.
- COSTA, Antônio. **Compreender o cinema.** Tradução Nilson Moulin Louzada; revisão técnica Sheila Shvarzman. 3^o ed, São Paulo: Globo, 2003.
- DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação.** – 3.ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- FLEURI, Reinaldo Matias. Educação intercultural. Mediações necessárias. (org.) – Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FRESQUET, Adriana. Cinema e Educação: Reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- LINUESCA, Maria Clemente. Elaborar o Currículo: Prever e representar a Ação. In: Sacristán, José Gimeno (org.). **Saberes e incertezas sobre o currículo.** Tradução: Alexandre Salvaterra; revisão técnica: Miguel González Arroyo. – Porto Alegre: Penso, 2013.
- MASCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial.** (org.). - Campinas, SP: Papyrus, 2006.
- MERTEN, Luiz Carlos. O Cinema e a Infância. In: Zilberman, Regina (Org.). **A Produção Cultural para a criança.** 4^a Edição. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1990.
- NAPOLITANO, Marcos. Como Usar o Cinema na Sala de Aula. 5^a edição. São Paulo. Contexto, 2013.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SÜSSEKIND, Maira Luiza. Currículos e Democracia. In: Santos, Edméa Oliveira dos (org.). **Currículos – teorias e práticas.** Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- TRIPP, David. **Pesquisa-ação:** uma introdução metodológica; tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Educação e Pesquisa, São Paulo, 2005.